

# PARA O BOM COMBATE

A voz clamorosa e incerta, voz de angustia e de revolta, que é a voz das turbas anónimas, espesinhadas e traídas — vai encontrar éco e expressão gráfica nestas páginas.

Vêm de muito longe os protestos e lamentos de baixo, contra os vexames e os crimes de cima. Vêm do fundo das idades. Encontraram símbolos definitivos em escravos como Spartacus, em sábios como Buda, em santos como Cristo. Na Idade Média, as *jacqueries* disseram da revolta dos explorados, na Moderna, a Grande Revolução incarnou essa revolta na gente da Comuna.

E' preciso continuar, se não recommençar essa obra de protesto.

Em Portugal, como em toda a parte, urge prégar de novo a Liberdade e combater a Reacção. A isso vimos exclusivamente.

Livres de pressões, de baixo ou de cima, sem nos enfeudarmos a nenhum partido politico, ou seita religiosa, sindicato de banqueiros ou sindicato de proletários, estamos aqui, franco-atiradores da Liberdade, para lutarmos por ela, sem outro objectivo que não seja desalojar a Reacção dos redutos onde ainda se acoita.

E se neste momento historico as ideias da libertação se confundem com a pura ideologia republicana, combateremos pela Republica; mas pela Republica digna, honesta, intransigente com o mal e com o crime, embora tolerante em face das boas intenções, como estadio da evolução social, que deve ser.

Quem tornou possivel a Republica em Portugal não foram os bonzos que para aí estão, senhores do mando, parados na contemplação estática do próprio umbigo, não vá a digestão do muito que têm ingerido perturbar-lhes as visceras menores. Quem a criou foi primeiro que tudo o povo, e depois pela sua acção combativa, pela sua ansia de renovação social, de perfeição da humanidade, os idealistas avançados: anarquistas, comunistas, sindicalistas, socialistas, radicais, esquerdistas — todos os que querem seguir para diante para a justiça social, para o triunfo da Liberdade. Foram eles que alentaram e tornaram possivel o movimento de 5 de Outubro de 1910. Foram ainda eles, que desarmados, só com a sua fé e o seu entusiasmo, escalararam Monsanto e venceram.

Pois bem, a eles, a nós, moléculas dêsse corpo imenso que é o Povo, chamam-nos — a *Choldra*. Seremos a *Choldra*, queremos ser a *Choldra*. Orgulhamo-nos dêsse titulo honroso. *Canatha* já não bastava. Criou-se uma formula nova para traduzir o desprezo a que nos votam aqueles que tudo nos devem. Aceitamos o epiteto, mas devolvemos-lhes a intenção depreciativa. A nós não nos podem acusar de conubios com a reacção religiosa, capitalista e politica. De nós não poderão eles dizer que recebemos tanto de tal empresa, que somos interessados em tal companhia de traficantes, que se nos pegaram ás mãos os dinheiros do Estado.

O mesmo não poderemos nós dizer deles. Conheçemos lhes as traquibernias e as venalidades e não as ocultaremos. Conheçemos-lhes a dobléz e a cobardia moral e não as desculparemos.

Podem contar connosco, os maus e os bons. Estes terão aqui um porta-voz, uma janela aberta para o ar-livre, um éco sempre vibrante para os seus protestos. Os outros têm aqui um tribunal para os julgar, e sempre que fôr preciso um chicote para lhes castigar os desmandos.

O nosso programa é só este e altura é já de o precisar:

— Defender a pureza do ideal republicano na sua alta expressão de democracia e combater sem tréguas nem quartel todos os atentados á Liberdade.

Á Reacção encontrará em nós inimigos, ainda que leais, intransigentes. Não atacaremos só a Reacção politica; a social, a religiosa, a artistica, todas encontrarão em cada um de nós, um homem de boa-vontade armado duma clava para os esmagar.

Iremos ser violentos? Talvez. A gravidade da hora não se compadece com transigencias e soluções hypocritas. Contrariadamente o seremos, porém, que por indole e ideologia, só os sentimentos de paz e de fraternidade universal no são caros. Não

nos deixaremos comtudo dominar por ideias de piedade, face aos crimes da plutocracia dominante e das camarilhas politicas detentoras do poder. E esteja onde estiver o mal, procuraremos

aplicar lhe o cautério. A *Choldra*, que participa do panfleto e do jornal, saúda toda a imprensa digna e anuncia a todos que vai vestir

as armas para o bom combate.

# 31 DE JANEIRO

(1891-1926)

Passaram-se trinta e cinco anos sobre a revolução, estuante de idealismo e fé, de 31 de Janeiro.

A quasi todos os que nela tomaram parte, a prégaram ou prepararam, levou-os a morte. Sobre a sua campa gloriosa tripudia hoje em dansa macabra, impando de farta e ruminando ainda, uma fauna de neo-republicanos, políticos vevais, cúmplices tácitos de mil desvergonhas e do esquecimento e deturpação dos sagrados princípios democráticos.

A *Choldra*, que é escrita por homens que sempre foram republicanos, evoca a sua memória para se fortalecer na luta em que se vai omponhar e que, por ora, mal esboça.

A *Choldra* afirma, porém, que não se coloca ao lado dos que hoje foram até ao Porto, em homenagem hipócrita, chorar sobre o túmulo dos herois cujas intenções trafram.

Não choramos a sua morte, bem dizemos dela que foi o factor maior da ressurreição da Pátria pela proclamação da República.

Nesta data, olhos postos em todos os que se agrupam à esquerda da República, uma esperança nos anima, uma certeza nos revigora: a de que se aproxima a hora decisiva em que o Povo estará prestes a correr do templo os vendilhões.

## O ESPANTALHO

Afirma-se para aí, com o ar grave de quem profetisa insanavel calamidade, que a divisão do velho partido democratico acarretará graves males para a vida da Republica.

Temos para nós, como certo, que foi um bem.

A parte sã, a parte aguerrida, idealista, combativa, inteligente e desinteressada deslocou-se ela propria e antes da inevitavel contaminação, dos membros pôdres, gangrenados, mortos, de aquele nucleo partidario.

O P. R. P. é hoje um cadaver. Melhor; um mausoleu, um aglomerado de cadaveres mumificados e enfaixados em tiras azuis e brancas ou vermelho e verde já desbotadas pelo andar dos tempos e impuros contactos.

O P. R. P. desfazer-se-á ao primeiro e mais forte empuxão.

Roendo-lhe as visceras, comendo—oh! comendo!—o que delas resta, torcicolam, resfatelam-se, centenas de pequeninos vermes que, ora ambicionam uma cadeira de vereador, ora um governo civil e logo um governo colonial.

O P. R. P. desaparece comido pelos seus proprios filiados!

Todos? Quasi todos. E os que não comem, deixam comer. São cúmplices. Tão criminosos como os outros.

Quem olha a maioria parlamentar, géla. Não se move, não se agita, não vive—é um membro morto de um corpo morto!

Para quê, pois, o querer dar-lhe vida?

Procurar manter, fortificar o P. R. P., tal como ele está, dirigido por quem está, era cometer um crime contra a Republica.

A Democracia, a Liberdade, a Republica, não se defendem com cadaveres que, porque o são, não têm energia, fé ou idealismo.

Defendem-se, vivendo, lutando, sonhando, olhos postos no futuro e braços sempre prontos á defesa do Povo. E o Povo não foi defendido pelo P. R. P., que o esqueceu e perseguiu.

\*

Porque o Povo abandonou os homens que, incompetentes e sem escrupulos politicos, de curtas vistas, mas de largas manhas, vêm dirigindo o partido democratico, o P. R. P. é hoje para a vida da Republica, para a vida dos principios que outrora defendeu e serviu com brilho, um entrave, um trambolho, um *espantalho* que alguns ainda temem pelo vulto, pelo aspecto que lhe emprestam os trapos velhos, restos de passadas glorias que agita a espantar tímidos adversarios.

# O patriotismo português e a nossa pseudo independência

O patriotismo, como o amor, como a fisionomia das cidades, como a sciencia — sofre a influencia das epochas, a moldagem dos seculos. O patriotismo em todos os países, perdeu a «moralidade convencional e romantica» para ganhar precisão e exactidão praticas. Em Portugal, somos patriotas pelas mesmas formulas e pelas mesmas razões com que a velhada de Azambuja ou Lavarabos, prefere as diligencias solavancadas e lentas a uma parêlha, á vertigem, com molas e conforto, de um auto moderno.

E patriotas porque o sol brilha com ouros preciosos, e o clima tem suavidades de morfina — satisfazemo-nos em berrarias de praça, em palmadas exaltadas no peito. O nosso patriotismo tem um rival: o dos bulgaros. Em 1919, conheci em Anvers um bulgaro. Falámos de Portugal — e ele, levantando um canto dos labios, com superioridade comica, contentou-se em dizer:

- Se você conhecesse a Bulgaria!
- Não conheço! Mas não ha sol como o de Lisboa.
- Se você conhecesse o de Sofia!
- Bom... mas o nosso clima é o mais...
- Ah! Doçuras como as da temperatura bulgara...
- Vocês podem ter um sol e um clima como o nosso — o que não tem, com certeza, é «tesura» como a do portuguezinho.
- Bem se vê que você não conhece a historia da Bulgaria — replicou ele — É a mais gloriosa; é o maior destile de bravos e de herois...
- Mas... já experimentou os nossos barbeiros?
- Não podem ser melhores que os nossos...
- E o fado?
- Ora... ora... o «tchark» é a melodia mais sentimental que existe!

E não houve forma! O patriotismo do bulgaro, como o nosso, como o da Persia, defende apenas o que não marca; o que não dá prosperidades nem honra, — porque não é producto da vontade dos homens, porque não exhibe qualidades de raça nem virtudes de epocha. E por isso...

Por isso, senhores, temos a ilusão triste e falsa do nosso orgulho de portugueses.

A nossa independência é uma fumarada de opio.

E, porque é um espantallo, porque não tem força, porque não tem fé, porque não tem ideal, porque — *a dirigi-lo* — quasi não tem republicanos, ha que o substituir, ha que organizar novas forças para defesa da Republica.

Para defesa da Republica, sim! Porque no dia em que os inimigos do regime se aperceberem de que é apenas um *espantallo* o que se agita alem, na Agua da Flôr, julgar-se-hão em terreno conquistado e formarão o salto. Nessa hora, o Povo que abandonou o P. R. P. mas que se vem aglomerando, dia a dia e cada vez mais unido e forte, em torno da Esquerda Democratica e organizações operarias, nessa hora o Povo terá que estar a postos, organizado e firme para a defesa do Ideal que um *espantallo* pôs em

A nossa autonomia, uma palavra sem significado nos dicionarios da politica mundial. A nossa soberania — uma mentira como a beleza da cocotte maquilhada — tem hoje menos vontade propria, menos orgulho, menos dignidade do que os protectorados ingleses, do que a desses reinos asiaticos, fechados num ritual, escravizados em palacios seculares — e cujos monarchas, antes de jantar perguntam aos altos commissarios europeus, de que *menús* devem servir-se.

O Egipto, na ratoeira da sua liberdade, agita-se, convulsiona-se, repele sugestões, luta com epilepsias loucas, contra a pressão da pata britanica. A India, sangrando num eterno martirio a San-Sebastião, segue o seu roteiro da invasão, caído, levantando-se, mas reingido sempre, e sempre pronta a estrangular o oppressor.

Nós, não. O nosso patriotismo é feito de cavaqueira, de gestos, de ameaças contra quem duvidar da luz do nosso sol ou das delicias do nosso clima!

A palavra «portugalizar» não é uma calunia. A Inglaterra guia-nos pelo labirinto da politica internacional como um cicerone da Cook; a Inglaterra zanga-se, põe-nos de castigo e dá-nos torrões de assucar, em forma de «visita de esquadra» como os tutores fazem aos pupillos, segundo as suas travessuras ou os seus juizos. A Inglaterra faz mais: a Inglaterra, através «o professor» que a representa em Lisboa, escreve cartas aos jornais, premiando ou reprovando as campanhas que no jornalismo se iniciem.

A Espanha, — que o povo estupidamente detesta — espeta o dedo aos governos, como as estatuas de Colombo; exige aguas; promete zangar-se com a gente, como o fez o almirante Azner, se nós nos defendemos, com perseguições fortes, em aguas nossas, a barcos que nossos são. A Italia exige, através dos discursos de Mussolini, a cedencia de Angola, porque necessita de Angola — e nós abaixamos os olhos e calamo-nos. A França... a França... Os Estados Unidos... O Brazil... O mundo inteiro. Mas, o espaço é curto — e as razões são amplas.

Reporter X

perigo, esquecido do muito sangue e dos muitos sacrificios dos que outrora lhe emprestavam vida.

Sim. Temos para nós que foi um bem a depuração das forças republicanas, O mal será o não nos organizarmos e o não lutarmos... até vencer.

Sem limite

Qual seria o ministro das Finanças que, por um despacho seu, permitiu ao Banco de Portugal a emissão sem limites?

## PARA A HISTORIA

## A historia dum republicanoo historico

De administrador do Redondo a chefe  
maximo do maior partido da Republica

É o sr. Antonio Maria da Silva o melhor ou  
peor simbolo da *Choldra*?

Não o sabemos nem isso nos interessa gran-  
demente. Que possui o tipo antropologico da  
seita que se tomou do país como fôro e da Re-  
publica como instrumento de appetites, não resta  
duvida a ninguem, e é o sr. Antonio Maria da  
Silva a pessoa mais convencida disso. Por tal  
convencimento lhe damos a honra de abrir a ga-  
laria da *Choldra*, que é intensa e profunda, con-  
tumaz e epidemica.

\*  
\*      \*

Como nota elucidativa dos nossos propositos  
apraz-nos dizer que não vimos de alfange erguido  
contra os homens da Republica. Republicanos  
somos daquela geração de idealistas em que ha-  
via sabios e apóstolos e soldados que de olhos  
postos no engrandecimento da Patria lutaram  
com denodo todos, morreram muitos na comu-  
nhão da fé imperturbavel e vivem tantos desa-  
lentados com isso que sob a invocação da Re-  
publica é um festim de sibaritas sem decôro, sem  
amor da sua terra, sem um reverbero de ideal  
nobre e puro.

Contra esses politicos devoristas, contra esses  
agentes de desorganização nacional, contra os  
que não servem a Republica porque a si e aos  
seus corrilhos servem apenas, não pouparemos  
luta tenaz e violenta, guiada pelo mais alto sen-  
timento de justiça e de patriotismo.

\*  
\*      \*

Como *hors d'œuvre*, a biografia do pitoresco  
chefe do Partido Republicano Português que  
além, da Travessa da Água de Flor, preside aos  
destinos do país. Em nenhum julgamento se des-  
presam os antecedentes dos delinquentes porque  
eles vincam o seu tipo moral, as suas tendencias,  
a sua psicologia, enfim. A biografia politica do  
sr. Antonio Maria da Silva esboça nitidamente o  
seu caracter de videirinho, sem firmesa de con-  
vicções. Não veio para a Republica porque a sua  
alma ansiosa de liberdade se mergulhasse nos  
esplendores da democracia que para além dos  
Pirineus florescia provocante e incitadora. Entrou  
no velho partido republicano quando a monarquia

lhe negou logar e consumo na mesa e nas vitua-  
lhas.

E instalado na Republica surge-nos o tipo  
perfeito do viverridio inquieto e voraz furando  
impacientemente por todos os caminhos até se  
alcandorar nas mais altas cumiadas, ele que  
num país de boa intelligencia e num sistema  
partidario da seleção de competencias não pas-  
saria dum modesto cabo de esquadra espertalhão  
e vivo, com suas piadas e *trucs* de entreter.

A vida politica do sr. Antonio Maria da Silva  
começou pelo Redondo, terra que não é assás  
notavel mas regista este facto historico de relevo.

Fôra para ali dirigir uma captação de aguas  
na Serra de Ossa e aconteceu que o sr. João  
Franco, descobrindo-lhe *meritos de considerar*,  
o nomeou administrador daquele concelho. Pouco  
tempo gosou essa alta honra porque, dirigindo  
umas eleições, tais traquibernias cometeu que  
o ditador se viu forçado a exonerá-lo. Por seus  
titulos eleiçoeiros, que todos agora conhecemos  
como sua primacial virtude, e julgou o sr. An-  
tonio Maria da Silva com ensanchas para mais  
altos poleiros. E pediu ao sr. João Franco para  
o nomear governador civil de Faro.

O manhoso ditador do Alcaide, grande poli-  
tico e conhecedor dos homens e dos factos, me-  
diu o meão pretendente e indeferiu-lhe a solici-  
tação. Vingou-se o sr. Antonio Maria com filiar-se  
ruidosamente num centro miguellista, a primeira  
abstracção honrada da sua vida politica. Mas  
como nem só de abstracções vive o homem, o  
sr. Antonio Maria da Silva, desfibrando pachor-  
rentemente a sua pêra já hoje simbolica, lançou  
um olhar pelas posições circunjacentes para to-  
mar lugar.

A ideia da Republica, servida de eminentes  
apóstolos, alastrava por todo o Portugal, con-  
quistando o povo, a alma colectiva da Nação. O  
31 de Janeiro fôra o brado heroico, o primeiro  
grito de álerta! Dali por diante cada homem do  
povo, tantos homens da *élite* nacional, juntos,  
ligados ao ansiado ideal da democracia, seguiam  
impavidos, convencidos do seu triunfo.

O sr. Antonio Maria viu no partido republi-  
cano um lugar propicio ás suas ambições e fi-  
liou-se. Tomou então parte no movimento de 28  
de Janeiro e no de 5 de Outubro de 1910, com  
o que assegurou definitivamente um lugar de  
destaque na politica nacional.

Após a divisão dos partidos e já parlamentar,

## UM BOM GOVERNO

organizou o primeiro grupo de independentes, sendo ministro do Fomento num gabinete da presidência do sr. Afonso Costa.

Caminhava a passos largos o obscuro administrador do Redondo, astuto e ambicioso. Nesta altura filiou-se no Partido Democratico, que já prometia ser o suzerano da Nação e a lauta bôda de quanto faminto vegetava ignorado nos socalcos das serras longes. E logo foi um dos mais activos agentes da Revolução de 14 de Maio contra a ditadura de Pimenta de Castro.

Mais tarde, quando o sr. Afonso Costa formou governo em 1917, como aquele politico o não fizesse ministro do Trabalho, iniciou contra o seu prestigio no partido uma guerra surda e continua, tentando um movimento revolucionario dentro do proprio partido, a que pôz o nome expressivo de «A revolta dos escravos». O comité desse movimento reunia-se no conhecido café *Vigia*. O sr. Afonso Costa, tendo disto tudo conhecimento, foi ao encontro da manobra e inutilizou-a.

\*  
\*   \*  
\*

A saída para França do sr. Afonso Costa completou as suas ambições. No velho partido republicano português arrasta-se ha muito uma direcção mole, indecisa, proloplastica, pretendendo apenas comer tranquilamente as benesses que o sangue do povo e o ideal do povo lhe meteram ingenuamente no papo soffrego.

Para essa gente não ha finalidade nobre, não existe o progresso da Republica que se arrasta entre a indiferença da Nação e o achincalhar dos seus inimigos naturais. Facil foi ao sr. Antonio Maria galgar essa ultima trincheira e encontrar-se hoje chefe do maior partido do regime e arbitro dos destinos da Nação.

Podia ser discreto na sua incompetencia, honesto nos propositos politicos. Preferiu ser hostil aos interesses da Republica, fazendo uma politica baixa de campanario com habilidades lórpas e com violencias estupidas.

Não logrando criar prestigio proprio mutilou, pulverizou, enfraqueceu o P. R. P. Não sendo respeitavel aos olhos das oposições republicanas, agrediu, ofendeu e desalentou correligionarios.

Certos estamos de que dêste desmanchar de feira surgirão energias novas capazes de consolidar a Republica e honrar a Patria. Mas quando essa obra fór a caminho seguro do seu exito, já o sr. Antonio Maria da Silva ocupará os recantos escusos da historia politica, onde se guardam as coisas torpes que é preciso occultar á higiene moral da Nação.

---

Não ha Democracia que não tenha por base das suas relações a justiça social.

José Domingues dos Santos



— Como conseguistes tu engordar dessa maneira ?

— Então não sabes que está no governo o meu chefe politico, homem !!

*A tradição republicana vive principalmente da sentimentalidade que soube despertar. Essa sentimentalidade é a sua grande fôrça. E essa sentimentalidade que anima e agita todas as camadas da sociedade portuguesa e se descobre através de factores psicologicos de origem, é a profunda sentimentalidade da esquerda.*

*Ela é a sobrevivencia das paixões e dos entusiasmos que animaram os velhos militantes da Republica. Ela deriva da fé—fé santa e justa—na generosidade e no desinteresse do ideal popular em flagrante contraste com os calculos e com as habilidades dos privilegiados. E, em fim, a solidariedade intuitiva entre homens que, tendo nascido do Povo, á sua grei e á sua raça querem permanecer fieis».*

JOSÉ DOMINGUES DOS SANTOS

*«O abuso do poder só desordem e anarquia pode gerar. Ao contrario, a semente de idealismo que vamos espalhando, a mãos largas, sôbre esta sociedade, sequiosa da Verdade que ilumine e dirija seus passos, desabrochará fatalmente em frutos abençoados de amor e confiança.»*

JOSÉ DOMINGUES DOS SANTOS

Sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. Governador Civil

Ironia, humorismo e audacia — Uma pretensão satisfeita — A elegancia e o republicanismo do sr. Barbosa Viana — O raminho de oliveira — Acrobacia politica — De denodado monarquico a «bonzo» aguerrido — O que ouviu o marco postal do Chiado — Passarões e passarinhos

Num dia qualquer da semana anterior a esta que findou, tomou solene e reumbante posse da chefia do primeiro distrito do país, o illustre democrat sr. dr. Barbosa Viana.

Farta concorrência, entusiasticos discursos, efusivas felicitações, muita festa para a festa, em suma.

Algumas frases respigadas dos discursos:

«Tenho muita honra e particular estima — disse o governador civil demittido ao seu substituto — em lhe entregar o Governo Civil de Lisboa. V. Ex.<sup>a</sup> primou sempre pela sua lealdade. E teve o desassombro — que só lhe fica bem — de se declarar publicamente candidato a governador civil. É uma pretensão legitima para um politico.»

Esta afirmação do sr. Filipe Mendes foi um clarão de luz na caliginosa intelligencia daqueles dos assistentes surpreendidos com a nomeação do sr. dr. Barbosa Viana e que não atinavam com as razões da sua tão alta e subita ascensão á chefia da capital da Republica. O enigma fôra, afinal, decifrado. Estava encontrada a razão que procuravam e não encontravam.

Outro orador, ironico, afirmou:

— A Republica não se dignifica com palavras, mas sim com factos; e o sr. dr. Barbosa Viana tem a Republica no coração. O seu passado de republicanismo a tudo responde.

Esta nova afirmação deixou positivamente *abanados* os raros antigos republicanos ali presentes, desconhecedores do passado republicano do seu novo correlegionario, enquanto outros, compreendendo a ironia do orador, riam-se para dentro porque as regras da civilidade não permitem á gente de educação, naquelas circumstancias, rir-se para fora.

E logo outro orador avançando galhardamente largou esta:

— Vossa Excelencia é de entre os republicanos do seu tempo, o que mais denodadamente, — e até mais elegantemente tem defendido a Republica.

Esta referencia á sua reconhecida e notoria petroniana elegancia parece ter sensibilizado o sr. Barbosa a cuja arguta intelligencia, aliás, não passaram despercebidas as atrevidas insinuações dos ironicos oradores que tão insolitamente ousaram trocar da autoridade nas barbas da dita.

E, num gesto elegante, como que agitando, com efeito, na dextra enluvada um raminho de oliveira, Sua Ex.<sup>a</sup> dest'arte ripostou, calmo e sorridente:

«Ocupo o meu novo cargo disposto a não agredir ninguém. Nem mesmo aqueles que andam a apregoar os meus defeitos. Estou convencido de que poderei fazer uma obra de pacificação. Troco o montante da luta pelo classico ramo de oliveira. Desse ramo symbolico me servirei em todos os meus actos, e até naquelas conjecturas em que me veja forçado a sacudir as orelhas de algum indisciplinado que ouse alterar a ordem publica ou desprestigiar a autoridade.»

Sensação de medo nos timidos, um *pratinho* para os apreciadores da sublime arte da oratoria, um dos quais teve de disfarçar o fluxo do riso com uma trombeteada assoadola, e encavacação dos admiradores, por dever de apoio, do novo chefe do distrito, que se entreolharam visivelmente comprometi os.

E assim terminou a solenidade da posse de S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Governador Civil.

Poz-se em debandada, *in continenti*, a assistencia, e já mesmo na escadaria começaram os comentarios ás afirmações produzidas lá em cima. E pela rua Ivons, tres cavalheiros dos que o *reporter* vira no gabinete do novo chefe do distrito, iam discutiendo acaloradamente, o apregoado republicanismo do sr. dr. Barbosa Viana.

Um de'es recordava que em 1916 o sr. Raul Barbosa Viana, então distinto academico, fora em nome dos estudantes monarchicos da Faculdade de Direito de Lisboa cumprimentar o cardinal patriarca e ali fizera a sua profissão de fé monarchica.

Pareceu-nos ter duvidado da informação um dos ouvintes, porquanto aquelle que estava falando puxou [do bolso um papel, e, um pouco irritado, disse:

— Eu não sou capaz de inventar. Aqui tem a transcripção da noticia dum jornal monarchico da epoca. E leu:

«Em nome dos estudantes monarchicos da Faculdade de Direito de Lisboa, foram ontem cumprimentar e felicitar Sua Revm.<sup>a</sup> o Sr. Cardinal Patriarca, os academicos Raul Barbosa Viana e José Leão de Sousa. Tendo sido recebidos com a maior gentileza, o distinto estudante Sr. Raul Barbosa Viana proferiu as seguintes palavras:

«Representando nós um grupo de alunos catholicos da Faculdade de Direito, vimos Sr. Cardinal respeito-

samente cumprimentar e felicitar Vossa Eminencia, pela muito honrosa distincção que Sua Santidade Pio XI, vos conferiu ha dias.

«Queira crer Sr. Patriarca que nos é extremamente agradável termos a elevada honra de sermos recebidos por Vossa Eminencia, pois como catholicos e portuguezes, nos é profundamente grato saudar na alta e merecida posição, que foi chamado a desempenhar, a figura illustre e prestigiosa do Sr. D. Antonio Belo.

«Fazemos os mais sinceros votos pela continua prosperidade da sublime Igreja, tendo á sua frente, por multos e longos anos, a nobre figura de Vossa Eminencia, cujo nome é venerado nos meios mais intellectuais, a bem da religião e da Patria extremecidas.»

—E no dia seguinte — prosseguiu—o mesmo jornal publicava mais isto. E leu acentuando a frase final:

«Na noticia que ontem demos sobre a visita ao Patriarcado, não dissemos que da Comissão fazia parte o Sr. Manuel Lourenço do Amaral, que tambem enfileira com denodo entre os academicos monarchicos.»

E dirigindo-se sempre ao homem que parecia incredulo:

—Mas ha mais: Convidado durante o sidonismo por varios republicanos seus camaradas da Faculdade, como por exemplo o Nobrega do Quintal, para ingressar na Liga da Mocidade Republicana, o Barbosa Vianna recusou-se sempre por ser monarchico, declarava o ele.

Então o homem incredulo—que nos pareceu ser um desses muitos ingenuos que se supõem ser *bonzos* mas que afinal são uns bons *canhotos* que se ignoram —preguntou espantado:

—Mas então como surgiu esse homem na politica republicana?

—Eu lhe conto. O nosso homem surgiu na politica com o 19 de Outubro, encarregado das investigações dos crimes dessa noite tragica, mas fez tal confusão que teve de ser substituido por incompetente.

Em 1922, já filiado no Partido Radical, ou pelo menos com simpatias por ele, pediu ao Arnaldo de Carvalho — velho republicano, como sabe, e uma cara muito direita, por sinal — que defendesse, no Congresso daquele partido, a parte juridica da sua tese sobre *Organização do Trabalho*. Assustado, parece, com o pulo, da monarchia para o partido que se dizia republicano radical, o nosso homem em 1923 inscreve-se no Centro 10 de Janeiro, da Acção Republicana. Mas poucas quotas pagou ali, pois logo no ano seguinte filia-se no Partido Republicano Português.

—Mas com essa habilidade para dar cambalhotas, esse homem está a torcer a sua vocação... —comentou o tal que nos parecia ingenuo.

O outro não fez caso da interrupção e prosseguiu:

—Ao surgir as lutas no Partido Republicano Português, o nosso Barbosa mostrou-se inclinado para a esquerda, e quando o Zé Domingues subiu ao poder, chegou a afirmar a sua simpatia por

esse governo extranhando, por isso até, que o tivesse substituido no cargo de Director da Policia de Segurança em que se conduziu, nas questões operarias, com aquele espirito monarchico que lhe vem de nascença, contribuindo, com as suas perseguições escusadas, para o maior afastamento da massa operaria, da Republica. Pois apesar da sua afirmada simpatia pelo esquerdismo ou talvez despeitado pela sua exoneração do director da Segurança, no ultimo congresso partidario o nosso Barbosa surge da banda da direita como o mais aguerrido dos *bonzos*! E é este grande e indefectivel republicano que, como você acabou agora de ouvir no discurso da posse do cargo para que foi nomeado contra a vontade da maioria da massa do P. R. P., ameaça as pessoas que critiquem a sua... orientação politica!

Os tres sujeitos haviam alcançado, nesta altura, o Chiado. E ali, á esquina, onde está aquele marco postal cujo receptaculo está sempre atrancado por um galego que a ele se encostão refesteladamente como num *maple*, os tres separaram-se. Então, aquele que nunca abria a boca e só escutara, ao despedir-se, rematou, com uma ilação, a narrativa que ouvira:

—Homem! Pelo visto, o P. R. P. está, perante o problema do provimento dos logares de confiança da Republica, na contingencia de ter de nomear ou passarões politicos ou... *passarinhos*...

E lá se foram todos a rir-se.

## A MASCOTE DO DISTRITO



O esperançoso e prodigioso menino  
Raul Ramo Barbosa de Oliveira Viana

# O operariado e a Republica

A quem cabem as responsabilidades do divorcio — Como a policia  
compreende a manutenção da ordem — Não é  
perseguido sistematicamente nem come-  
tendo arbitrariedades que se de-  
fende e se prestigia o  
regime

Surgia a Republica e o povo exultou. O exito de um *raid* oportuno e temerario, lançado no silencio da madrugada, derrubára o regime da crapula e da opressão. Apenas, durante o repouso merecido pela sua labuta productiva, o povo via-se atirado, como num sonho juvenil, de um jugo afrontoso para a mais ampla liberdade. E quando ponde notar que o sonho era realidade, o povo exultou.

Desafogavam-se as consciencias em meio de entusiasmos infantis. Ninguem mais viveria oprimido. Esses homens que haviam afluido, propulsionados pela agitação dos espiritos, aos gremios republicanos, aos comicios, ás manifestações, acarinhavam agora comovidamente, seus filhos inconscientes do triunfo, crianças que já não sentiriam a opressão e o arbitrio tão duramente infligidos aos pais.

Fundára-se o regime do progresso e da liberdade. A começar na realização das aspirações mais modestas, a Republica viria a ser o percurso seguro e imperturbavel de um povo na senda evolutiva e transformadora das sociedades. Assim o acreditava a granda massa dos cidadãos, e, cada qual fazendo o seu raciocinio, tecendo o seu ideal, se preparava para ocupar na sociedade o lugar que para si desejava.

E foi ao tentar-se repôr sensatamente os valores sociais que a desilusão nasceu. Como no regime da crapula e da opressão, os cidadãos — tantos deles filhos dos que pela liberdade se haviam sacrificado — continuaram a ser perseguidos cruelmente, oprimidos e vexados, por uma policia que, em vez do amparo e assistencia que é sua unica função numa democracia, servia geralmente o interesse politico dos novos opressores, que mais não eram que crapulosos monarchicos.

antes da Republica, usaram-se dos mais barbaros processos. Por simples capricho de um agente ignorante, o cidadão continuou sendo perseguido e vexado com os labeus mais injustos ou afrontosos. Voltaram as consciencias a ser alarmadas pela revolta, e a revolta atirou com uma sociedade que queria progredir, para o caos, para o terror e para a represalia.

E só quando um ou outro ministerio, efemero e ilaqueado, anulava, num momento, a opressão, voltava a tranquillidade, o desejo de refazer e nem um unico acto violento vinha atestar a perduração do sistema de represalias.

O terror foi, apesar de tudo, organizado sistematicamente. A policia desafogava os seus instintos ancestrais. A represalia veio porque era a logica consequencia do terror. E num regime assim, jamais se procurou discernir juridica e socialmente as responsabilidades que a cada um coubesse na pratica de actos que as sociedades condenam.

Rebentou uma bomba á porta de um estabelecimento que tinha o pessoal em greve. E logo os grosseiros detectives percorriam as listas dactilografadas e nelas apontavam dois ou tres nomes dos que passavam a ser, por determinação policial, reus de crimes inconfessos. Dias largos jaziam as vitimas em calabouços frios sem uma unica enxerga o, tantas vezes, inundados pelas chuvas. Entretanto, publicavam-se as fotografias dos perseguidos que eram apontados como criminosos sem que a mais ligeira investigação o comprovasse; ao perseguido exigia-se, sob ameaças de morte, insultos, espancamentos, vexames, que confessassem, que delatassem hemens que nem sempre conhecia, que revelasse os segredos de organizações que não existiam. E após oito dias, ou mais, de torturas, o preso voltava doente, deprimido, e mais revoltado, e com maior ansia de represalia, para junto dos seus, que nesse inter-

Para se reprimir todo o sentido de liberdade, toda a expressão sentimental de progresso, como



valo doloroso haviam sofrido todas as angustias e todas as privações.

E a onda engrossava. Acontecia que uma autoridade, odiada por quem perseguia, era uma vez mortalmente liquidada. Não se descortinavam os autores da represália, só justa numa sociedade desmoralizada, mas prendia-se ao acaso, processava-se ao acaso, com testemunhas subornadas, com libelos falsos, com depoimentos de confissão arrancada á força de espancamentos, torturas, incomunicabilidade e, às vezes, com privança de alimentação ao suposto rou. E, assim, os tribunais, em consciencia e em critério jurídico, outra cousa não podiam fazer—senão absolver. Então, mais um, dois, tres homens voltavam ao lar desgraçado, odiando mais do que nunca um regime que os oprimia.

E o prazer policial por este desporto desenvolvou-se. As perseguições foram-se fazendo, desde então, por um *roulement* imaginado na sordidez de um gabinete. Os perseguidos passaram a formar categorias: tais para as bombas, tais para os atentados, tais para a propaganda, tais para manifestos, tais para assobiar a *Internacional* . . . Como se o pensamento e a acção se pudessem dividir em secções!

Estabelecido um *roulement* desta ordem, os perseguidos passaram a notar nas folhinhas dos calendarios os dias em que deveriam voltar ao calabouço. E defendiam-se, então, com uma fugida a tempo. . .

Posta em cheque esta falsa argúcia, a policia imaginou o processo das prisões em massa. Subitamente, uma centena de individuos era arremessada para um forte ou um calabouço. E nossa centena a policia não sabia descobrir um único autor de atentados. As prisões em massa descambaram em ridiculo desprestígio da policia e em descrença pública na existência de homens perigosos.

As deportações, agora, são a última moda policial. Deportou-se tanta gente, nenhum criminoso se descobriu. A agitação nos espiritos continúa e a policia já está imaginando um processo de rebentar bombas—para fazer mais listas, pois se esgotaram na Guiné, em Cabo Verde e em Monsanto as que havia para deslumbrar o burguezes. . .

E quando se deportará a policia a si mesma?

## Factos e comentarios

### Uma compra.

Os *bonzos* compraram o *Diario de Noticias*. Se a politica daqueles não fosse a da plutocracia que nos domina e rouba, esta aquisição seria um bem para a Republica.

Assim é um mal. Ficará uma boa arma em mãos que mal dela se servirão.

Fala-se no emprestimo de sete milhões de escudos, pela Caixa Geral de Depositos, para efectivar a compra.

Preguntamos: O *Diario de Noticias* ficará órgão da Travessa da Agua de Flor ou do Governo da Republica?

Como se explica a facilidade de um tal emprestimo quando a industria agoniza e o *chomage* aumenta sem que o credito industrial seja criado e a Caixa se apreste a exercê-lo?

Ou o dinheiro que se nega para bem do país, sobra para gaudio do sr. Antonio Maria?

### As deportações.

O alto commissario de Moçambique, sr. Azevedo Coutinho, deportou para a metropole uns tantos ferroviarios grevistas. Não queremos deixar o facto sem o nosso protesto. Castigar, punir, sem previamente julgar, é inadmissivel nos nossos tempos. A propria Russia czarista nunca deportou para a Sibéria os *nihilistas*, nem mesmo os acusados de atentados contra a vida das autoridades do imperio, sem os submeter a previo julgamento. Em Portugal, sob o regime republicano, deporta-se sem qualquer forma de julgamento.

O alto commissario de Moçambique seguiu o exemplo do seu correligionario Victorino Godinho, o deportador de operarios para a Guiné.

Parece que as deportações fazem parte do programa dos *bonzos*, pois todas elas teem sido determinadas e mantidas pelos correlegionarios do sr. Antonio Maria da Silva, o guardião do velho programa do Partido historico da Republica!!

---

«Toda a nossa admiração vai para o pobre campo que, desde que amanhece até que o sol se esconde, vai cavando, sulcando, regando a abençoada terra criadora de riqueza e «anancial inexgotavel de felicidades! Mas querer que não haja um palmo de terra sem arrotear, é maldizer a Terra? Mas afirmar que ninguem tem o direito de deixar a terra improduti va, só porque o dono não a quere cultivar, é ferir o direito de propriedade?»

Mas o jús *utendi et abutendi* havia sido abolido pelos proprios romanos, que eram os senhores do mundo e não tinham ao seu dispor apenas esta admiravel faixa de terra que é o nosso lindo Portugal. . .»

José Domingues dos Santos

A CHOLDRA

# REVISTA... da Semana

Por BATISTA DINIZ

CARTAZ

TEATRO DA POLITICA  
HOJE HOJE  
A representação da revista  
**O PAIZ É MEU! . . .**  
Grande sucesso de gargalhada  
(porque a sério não vale a pèna)

## 1.º quadro

A scena representa um gabinete ministerial tendo na porta envidraçada a seguinte legenda: *Ministerio da Ordem Publica: Secretárias, cadeiras, etc.*

Ao subir o pano estão em scena os personagens *Homem da Pèra e Cêroa*.

**Homem da pèra**

(*Em tom autoritario*). O' sr. Cêroa, sr. Cêroa! Deixe vêr a cifra!

**Cêroa**

(*Corando*) O sr. presidente quêre. . .

**Homem da pèra**

O dicionario criptografico, homem!

**Cêroa**

(*Aliviado e entregando-lhe um livro*) Aqui está, sr. presidente.

**Homem da pèra**

Ha-de fazer transmitir já este telegrama. (*Da-lhe um papel*).

**Cêroa**

Sim senhor. (*Afasta-se*) Telegrama urgente, que será? (*Lê*) Acabo fazer operação 7938. Fico dois excellentes órgãos... (*Indo ao Homem da Pèra*) V. Ex.<sup>a</sup> já está melhor?

**Homem da pèra**

(*Irritado e coçando o adorno capilar do queixo*) Melhor de quê?

**Cêroa**

(*Afastando-se cauteloso*) Então o sr. presidente não foi agora operado outra vez dos rins?

**Homem da pèra**

(*Subindo de indignação*) Que rins nem meio rins! Você não sabe que desde o 5 de Dezembro eu não recolho ao hospital de Santa Marta? . . .

**Cêroa**

(*Submisso*) Como V. Ex.<sup>a</sup> fala neste telegrama em órgãos e operações. . .

**Homem da pèra**

(*Sorrindo*) Trata-se de órgãos na imprensa... A operação é comercial... Você não sabe que isso vai em cifra, e a cifra só entra em operações aritmeticas? . . .

**Cêroa**

(*Lisongeiro*) V. Ex.<sup>a</sup> é muito inteligente

**Homem da pèra**

Bem, mande entrar os jornalistas.

**Cêroa**

(*Indo á porta*) Só cá está um.

**Homem da pèra**

Que entre.

**Reporter Z**

(*Da porta*) V. Ex.<sup>a</sup> dá licença? (*A um gesto do Homem da Pèra vai entrando*)

**Homem da pèra**

(*Amavel*) Queira sentar-se, meu amigo. Então que temos?

**Reporter Z**

Desejava que V. Ex.<sup>a</sup> dissesse aos meus leitores o que ha sobre a deportação dos ferro-viarios de Lourenço Marques.

**Homem da pèra**

(*Amabilissimo*) Pois não! Como sabe, a minha preocupação constante é a ordem publica. Como os *canhotos* e a *C. G. T.*, andavam aí a protestar contra as deportações para a Guiné, para evitar conflitos resolvi deportar os de Lourenço Marques para a metropole. . .

**Reporter Z**

E' o *roulement*. . . (*Outro tom*) E sobre a nomeação dos magistrados para investigarem o caso do *Angola e Metropole*?

**Homem da pèra**

E' tambem uma questão de ordem publica. Tive informações de que os monarchicos andavam a conspirar e nomeci o Alves Ferreira e o escrivão Magro. Enquanto investigam não conspiram. . . Alem disso tapo-lhes a boca e integro-os assim na Republica. . .

**Reporter**

(*Estupefacto*) Excelente ideia... E sobre o overnador civil de Lisboa? Estr-nha-se que a escolha de V. Ex.<sup>a</sup> não tivesse recaído no major Viriato Lobo.

**Homem da pèra**

Sim, eu sou amigo dele, como de resto o era do Filipe Mendes. . . Mas, acima de tudo, a manutenção da

ordem. O Viriato usa de processos violentos e isto, agora, só lá vai com cordura e até—porque não dizê-lo?—com blandícias. Por isso nomeei o Barbosa!

### Reporter Z

Eu sei que o dr. Barbosa Viãna passou do Tribunal de Defeza Social para o Ministerio dos Estrangeiros. Deve ser, portanto, um diplomata. Mas para que escolheria ele para secretario o revolucionario Camilo de Oliveira?

### Homem da pèra

(*Exultando*) Isso é obra minha! O que eu quero é a manutenção da ordem! (*Quasi confidencial*) Estando o Camilo no governo civil não se mete noutro 19 de Outubro...

### Reporter Z

Maravilhoso! E a nomeação do meu colega Belo Redondo, tambem para secretário do chefe do distrito?...

### Homem da pèra

(*Cauteloso*) Fale baixo, homem! (*Explicando*) Como ele é do *Seculo*, eu nomeei-o para contentar o Triandade Coelho e o Pereira da Rosa. Não vá surgir-me af outro 18 de Abril...

### Reporter Z

Quanto á questão do *Nacional*?..

### Homem da pèra

(*Irritadissimo*) Já disse que não sou societário!

### Reporter Z

Mas dizem as más linguas..

### Homem da pèra

(*No mesmo tom*) O' sr. quem é socio do *Café Nacional* é o Custodio de Paiva...

### Reporter Z

Mas não se trata do café! Refiro-me ao teatro do Estado...

### Homem da pèra

(*Mais tranquilo*) Isso ha-de resolver-se!

### Reporter Z

Onde vai V. Ex.<sup>a</sup> buscar a companhia?

### Homem da pèra

(*Com pose*) Se a ordem perigar com o teatro fechado, mando para lá uma companhia... da guarda republicana.

### Reporter Z

Qual delas, sr. presidente? A da Graça?

### Homem da pèra

(*Depois de pensar*) Essa não, porque pode prestar-se á *blague*. Seriam capazes de dizer que o publico nem de graça lá ia...

### Reporter Z

Então a da Estrela?

### Homem da pèra

Isso mesmo a da Estrela, para mostrar á sr.<sup>a</sup> Ester

Leão que o governo tambem dispõe de *estrelas*... para manter a ordem.

### Reporter Z

Sobre o caso da iluminação electrica...

### Homem da pèra

Diz-se que exorbitei, bem sei, mas deixe-os falar. O que eu quis foi que o Elio Rego que, como sabe, é monarchico, não viesse com a revolução para a rua... Ordem publica...

### Reporter Z

Devêras?

### Homem da pèra

E' o que lhe digo! De resto prova-se que os vereadores da camara são adesivos...

### Reporter Z

Que me diz V. Ex.<sup>a</sup>?

### Homem da Pèra

Isto mesmo! Se eles tivessem pertencido á carbonaria em vez de a mandarem cortar, mandavam *fazer a luz*... (*Ouve-se barulho e apitos na rua*) O' Cêrca, veja o que é isso! (*Cêrca vai á janela e volta imediatamente*).

### Cêroa

São dois garotos dos jornais que andam á pancada.

### Homem da Pèra

(*Exvitado*) Depressa, o meu chapéu e as minhas luvas. ( *Ao Reporter Z*) Não lhe posso dizer mais nada.

### Cêroa

(*Trazendo os objectos pedidos*) O sr. presidente vai salvar o país?

### Homem da Pèra

Não! Vou lá abaixo manter a ordem...

### MUTAÇÃO.

«Porque não voltamos á organização militar preparatoria, obrigando todos os mancebos a receberem a instrução na sua aldeia, em exercicios feitos ao domingo, restringindo o serviço das casernas apenas aos analfabetos e obrigando estes a aprender a ler e escrever, como condição essencial para ser considerado um soldado pronto? Porque não abrir os quadros dos officiais, de forma a permitir-lhes, com certa segurança, o seu emprego em occupações civis? Porque se conservam no quadro officiais que se reformaram—a maior parte deles para não irem para a guerra? Porque são readmitidos os officiais que haviam sido demittidos por terem tomado parte na Traulitania?

Porque não se resolvem estes problemas? Acaso alguém ignora que o exercito nos gasta perto de metade das nossas receitas totais? Ninguem o desconhece. Todos sabem que gastamos dinheiro demais com um exercito que não temos».

# VIDA MENTAL

**Noticias de livros, exposições de arte, espectáculos teatrais, concertos e outras manifestações artísticas ou pseudo artísticas que se derem durante a semana.**

Esta folha, de largos objectivos de critica social, não poderia desinteressar-se do movimento artistico. A Arte na sua função educativa, moral, democratica, é para nós, homens da vanguarda, um valioso factor do programa que nos cumpre realizar. Precisamos de todas as manifestações artisticas, para adoçar os costumes do povo embriagado com o espectáculo das violencias praticadas pelos que dominam. Precisamos da arte para nela colher ensinamentos e refrigério, para repousar em beleza os olhos cansados de ver o mal.

É por isso que aqui abrimos uma secção para dar registos ás questões que se prendam com o movimento artistico e mesmo, num plano de generalidade, com a vida mental e o mundo das ideias.

No decurso da semana, o livro publicado, a exposição inaugurada, a primeira representação duma peça, o concerto, que mereçam ser conhecidos, serão aqui noticiados e comentados. Só faremos a critica do que não estiver abaixo dela. Escusam os amigos e os desconhecidos de nos mandarem os livros na mira do reclamo e os industriais da arte ficam dispensados de nos comprarem o anuncio com o bilhete de entrada, como é numa seguida nesta pobre imprensa portuguesa, tão mesquinha e corrupta, que até para as pequenas coisas se vende, de tanto que tem entranhado o vicio de se alugar para as grandes negociatas.

Esta attitude, dá-nos uma excepcional independencia para comentarmos com sinceridade aquillo que julgarmos digno de comentário. Seremos implacaveis com a industrialização da arte, sempre que ella procure impingir ao publico a sua pacotilha. Seremos severos com o amadorismo artistico, quando elle não revele uma vocação decidida. Não perdoaremos nunca o regime de elogio mutuo em que a Arte portuguesa se debate, quer o gerado nos conventiculos reaccionarios, quer o que tem o seu forum nas mezas dos cafés, onde os que a si proprios chamam novos, planeiam *épater* não já o burguez, — que elles acarinhão — mas os homens de pensamento livres, que não se subordinam aos seus cânones.

Nos nossos comentarios não seremos violentos por principio, mas não seremos benignos por cobardia moral. Onde estiver o mal applicaremos o que consideramos ser o remedio e — se for mister empunhar um azorrague para expulsar os vendilhões do Templo, não teremos duvidas em empunhá-lo. Tudo faremos, todavia, *por bem...*

## A exposição de Alberto de Sousa, notavel acontecimento artistico

O mais notavel acontecimento artistico da semana e talvez da quadra, é a exposição de aguarelas de Alberto de Sousa.

O aguarelista atingiu a perfeição da sua maneira e apresenta-nos quadros admiraveis. A sua forma de tratar a aguarela não é rigorosamente a classica. Alberto de Sousa emprega umas tintas espessas, que não tem nada da levêsa, de diafaneidade, das tintas de agua

que os aguarelistas inglezes, mestres nessa arte, empregam. Todavia, dentro do seu processo pictorico, o artista realiza com rara felicidade. É exuberante, colorido, bem meridional e alacre. O seu desenho tem a firmeza das coisas definidas e as côres e tons que encontra, dizem-nos que a sua pupila vibra á luz, como poucas.

Os motivos são duma grande originalidade. Fazendo em arte um nacionalismo, não é *chauvin* e uma arqueologia que não cheira a bafio, Alberto de Sousa sabe evocar os velhos monumentos, as reliquias de passadas memorias, os fragmentos de beleza humilde, tocando-as duma espiritualidade, duma vida interior, que assombra.

As recordações de Portugal em Marrocos, constituem a maioria da sua exposição, são preciosos documentos didacticos de forte expressão ethnica. Alberto de Sousa interpretou as coisas da moirama, como um portuguez velho, para quem ellas fossem de muita privança. A sua grande capacidade sensorial, a sua soberba memoria cromática, a sua profunda cultura scientifica e historica, permitiram essas maravilhas de reconstrução, que se podem ver ainda hoje nas paredes da que

## COMO OS "BONZOS" SONHAM A CHOLDRA



*Quando atirárá o povo a albarda e o cavaleiro ao ar?*

fol a Capela maior da Igreja do Convento do Carmo.

Alberto de Sousa deve ter vendido todos os seus quadros, quando esta folha circular, não obstante os preços inauditos que por eles pedia. Não ganhará nada portanto com as justissimas referências que lhe fazemos.

Isso nos põe á vontade para falarmos da sua exposição.

Lamentavel é que o artista tivesse resolvido tê-la poucos dias aberta. Obras como a que realizou mereciam ser conhecidas pelo maior numero. Fazer da arte um acepipe secreto de burgueses endinheirados é caminho que crêmos errado, cumprindo-nos aconselhar os artistas a que arrepiem nele.

### «Os portugueses em Roma» — livro de reportagens de Norberto de Araujo

Os livros de jornalistas, em regra desiguais, imperfeitos, são todavia curiosos sempre. Norberto de Araujo é um jornalista que tem tempo para fazer livros e alguns publicou já apreciaveis. A sua «Novela do amor humilde», recentemente dado áestampa, é verdadeira mente um primor.

O seu ultimo livro, o livro da semana, «Os portugueses em Roma»—fuzil de reportagens curiosas, vividas, impressivas é, porem, uma obra inferior.

Nem o assunto merecia honras maiores do que a crónica do jornal, de vida fugaz, nem as reportagens que Norberto Araujo escreveu da peregrinação portuguesa a Roma, brilhantes embora, são de molde a exigirem a sua recolha em volume, como modelo no género.

O jornalista tem escrito no decurso da sua carreira outras bem melhores, que, todavia, continuam esquecidas nas paginas dos jornais, onde pela primeira vez apareceram.

O interesse que Norberto de Araujo encontrou nas suas crónicas de Lourdes e Roma, agora publicadas com todas «as licenças necessarias» e iamós a dizer «indulgenciadas pelo Sr. Cardinal Patriarca», foi, cre mos, um interesse meramente comercial.

Faz preceder as suas escasas páginas de crónicas dumas absurdas cartas, com materia para todos os paladares e bernardices capazes de deliciar o mau gosto burguês e católico mais rotundo. Completa a sua obra publicando as listas dos peregrinos, que tomaram parte nas duas romagens de portugueses que em 1925 foram a Roma colher as graças jubilares do Ano Santo. Norberto de Araujo conhece bem a profunda influencia que exerce o nome em letra redonda. Conhece e aproveita-as. Procede mal assim.

Um homem de jornal e um homem de letras não têm o direito de titilar com a pena a sensibilidade doentia das canastras.

## UNIR FILEIRAS

Anunciam, para breve, um congresso do Partido Radical que nas ultimas eleições se afirmou com os seus dois mil votos em Lisboa.

O Partido Radical, é indubitavelmente uma força nas esquerdas republicanas.

Melhor: devia ser uma força. Não o é, mercê dos dirigentes que escolheu.

Bem intencionados, uns, falta-lhes o tacto politico a larguesa de vistas necessarias para efectivar uma eficaz acção.

Mal intencionados, outros, serviram-se da massa popular que dirigiam, da dedicação e espirito aguerrido dos correligionarios como arma de defesa -- defesa dos seus interesses particulares ameaçados por quaisquer tricas politicas ou burocraticas.

Mas não souberam dirigir por ineptia.

Outros dirigiram mal por conveniencia.

A massa popular do P. R. R., sacrificada, perseguida, oprimida, varias vezes se revoltou com possibilidades de exito.

Foi sempre vencida, mercê da pessima direcção e as suas forças, causadas, esgotadas, estiolaram-se, quasi se dispersaram no reocio de novos erros, no médio da traição já sem fé nem confiança—descrentes.

O congresso vai reunir-se. Não sabemos que dóle sairá.

Para nós, que nas esquerdas enfileiramos, afigura-se como necessidade imperiosa, para defesa da Republica, para o combate á plutocracia que

nos domina, á *bonzaria* que perturba a vida do regime e aos incompetentes que imperam, a *união* sob a mesma bandeira das massas populares que, visando os mesmos fins, afastadas andam sob maus comandos.

Do congresso—vá lá uma foiçada em alheia seára — impõe-se o surgir deste brado, gritante altivo, necessario:

*Untr filetras!*

O povo que está no malfadado Partido Radical deve unir-se com o que luta galhardamente na esquerda democratica, pondo de parte vaidades pequeninas de pequeninos ou desequilibrados chefes e aprestando-se para o grande combate: o combate pela Democracia pura e pela Liberdade sem sofisma.

Do congresso não sai tal decisão

Pois se não sair, não seremos maus profetas augurando desde já a morte ingloria desse novo mas glorioso partido—glorioso pelo povo dedicado que o constitue...

Não agradamos falando assim, mas convictos estamos de que falamos verdade.

O congresso de Coimbra foi o inicio da agonia.

O de agora, se não corresponder ás necessidades de momento, se não fôr inspirado na união das massas republicanas, como o desejava quasi todo o partido, será a morte.

Unamo-nos, pois.

# A CHOLDRA no Parlamento

## O notavel discurso do sr. dr. Pestana Junior a proposito dos duodecimos

Dentro do actual Parlamento só dois grupos se destacam com elementos de valor: os socialistas e a esquerda democratica. São estes ultimos a voz da *choldra* dentro do Congresso da Republica. Por isso mesmo, A *Choldra* reproduzirá, nas suas paginas, os trechos mais interessantes dos seus discursos.

Iniciamos esta secção reproduzindo algumas das afirmações do sr. dr. Pestana Junior no decorrer da discussão da proposta dos duodecimos.

*Sr. Presidente:*

Teudo pedido a palavra sobre a generalidade do debate, em simples generalidades consumirei a V. Ex.<sup>a</sup> e á Camara um pouco do tempo que tão necessário é para se estudarem outros problemas.

Sallentarei, porem, desde já, que a proposta ministerial, trazida a esta casa do Parlamento pelo sr. Ministro das Finanças, nos pede que concedamos ao Governo 5 duodecimos, que são os necessários para se completar o ano economico em que estamos, e a contra-proposta da nossa Comissão do Orçamento anda nas mesmas águas, isto é, dá ao Executivo os mesmos 5 duodecimos.

Perante a maioria da Camara eu quero salientar um facto que, politicamente, é interessante. E fá-lo-hei, visto que o debate na generalidade permite que se façam afirmações de caracter politico, e se verifique da oportunidade ou inoportunidade de qualquer proposta de lei.

Se não estou em erro, se a memoria de todo me não falha, estando no poder um governo do sr. Victorino Guimarães pediu á Camara que lhe votasse cinco duodecimos, mas os seus correligionarios entenderam que demasiada era tal liberalidade para uma vida de governo. Caiu o governo do sr. Victorino Guimarães, após um debate parlamentar em que fundamentalmente se discutia este assunto, não lhe tendo sido concedidos os duodecimos pedidos.

A Comissão do Orçamento, cuja maioria do mesmo Partido saiu, tem para este seu correligionario, actual Ministro das Finanças, um procedimento diverso d'aquelle que foi havido, por parte da maioria parlamentar, para com o sr. Victorino Guimarães.

O sr. Pires Monteiro (*relactor*): — As circumstancias são absolutamente diversas. Estamos quasi no fim do ano económico e naquele tempo não estavamos.

APROXIMAM-SE GRAVES FACTOS POLITICOS.—ANTONIO MARIA DA SILVA DICTADOR?

O *Orador*: — Estamos no meio do ano. Metade de doze são seis e é o que falta para o fim do ano económico.

Sr. Presidente: salientando este ponto e não dando á a minha adesão ao principio de que os Parlamntos tem apenas a funcção de votar os meios constitucionais do governo pela fixação do imposto e distribuição do producto do mesmo pelos serviços publicos respectivos, direi a V. Ex.<sup>a</sup> que não me repugna de maneira alguma a votação dos cinco duodecimos, queremos apenas salien-

tar o procedimento absolutamente em contraste havido pela maioria actual e pela antiga maioria.

De resto, sr. Presidente, a fixação da lei de receita e despeza era uma forma, em tempos, de se ter o governo na mão, mas desde que modernamente os governos quando não armados com uma lei orçamental ou com os duodecimos os decretam, pode o Parlamento bem tirar de si o pensamento de que pode exercer pressão segura sobre o governo não lhe votando os necessarios meios de vida.

Inutil, portanto, era que este lado da Camara se preocupasse com evitar a votação d'esta lei, quando por outra banda, estamos em vespuras de entrar na discussão do Orçamento geral do Estado.

Sr. Presidente: em todo o caso, esta facilidade que se dá hoje a este governo, esta facilidade que estou a vêr que até a opposição a que pertenço lhe dá, e quero crêr que o ambiente é para que todas as minorias lhe dêem a mesma facilidade, ela é talvez desnecessaria por aqueles motivos que apontei e ainda porque andam no ar boatos e informações de que na politica cousas graves se aproximam.

Hoje, ao entrar na Camara, não sei se por *plesanterie* ou bisbilhotice alguém me mostrava um telegrama que teria sido expedido de Roma ao actual Presidente do Ministerio e que era redigido nestes termos:

«*Stete voi il mio alter-ego. Avanti*». B. M.

Sr. Presidente: a situação politica dá um pouco enseo a que o telegrama que rolou por toda a Camara, que fez a volta pelas nossas carteiras e chegou á imprensa, que é capaz de amanhã o publicar, dê bem a impressão do ambiente em que vivemos, e, por conseguinte, não vale a pena estar a moer principios e a fazer uma larga discussão quando, votados ou não os duodecimos, o governo está na disposição de viver de boa saude e por largos anos.

A ESQUERDA DEMOCRATICA PERANTE O PROBLEMA DAS ESTRADAS.

Sr. Presidente: entrando propriamente na discussão da contra proposta que a nossa Comissão traz em parecer, um pouco ferindo as palavras ditas hoje aqui no Parlamento pelo sr. Ministro das Finanças e pelo Relator da mesma Comissão, e, porque, no Orçamento passado eu inscrevi uma verba de 20.000 contos para a reparação de estradas, verba que seria acrescida pelo fundo de viação e turismo, parece-me conveniente dizer qual o pensamento que tinha o Ministro do Comercio de então e com o qual absolutamente concordava.

Rememoremos os numeros que aqui nos foram trazidos.

Temos para grandes reparações 4500 quilometros de estradas. Cada quilometro deve custar, nessa grande reparação, 60 contos.

Como, segundo as estações do Ministerio do Comercio de ha um ano e segundo as mesmas afirmações de hoje, feitas aqui pela boca do sr. Ministro das Finanças, não se podem reparar mais que 500 quilometros de estrada por ano, vê V. Ex.<sup>a</sup> e vê a Camara que, tendo as estradas uma vida que, segundo dizem os tecnicos, não pode ir além de 10 anos, sendo aquelas destinadas aos grandes meios de comunicação, duma vida muito mais curta, nos encontramos assim, mesmo dentro

# CUNHA LEAL

## As suas opiniões de hontem e a sua attude de hoje

Anunciou-se um duelo entre o sr. Cunha Leal e o brilhante jornalista republicano sr. Raul Proença.

A pendência parece não ter tido seguimento.

Era natural — o articulista da *Seara Nova* serviu-se das proprias afirmações do *leader* nacionalista para tirar conclusões lógicas e fatais.

Não são elas de molde a agradar ao sr. Leal?

Mas ninguem lhes pode negar a razão. Mais a gravidade.

Em qualquer outro país, num país que lêsse e soubesse ler, o artigo de Raul Proença liquidava um politico perante a nação e perante os seus correligionarios.

Com a devida vénia, reproduzimos alguns trechos:

«Segundo dizem os jornais, o sr. Cunha Leal, ao contrário do que pensavam certas pessoas para quem os méritos do fogoso parlamentar não são ainda (a-pesar-do caso edificante do *Século*) apreciados com toda a justiça, o sr. Cunha Leal aceitou o lugar de vice-governador do Banco Nacional Ultramarino, para que fôra nomeado, à sombra dum decreto que indignadamente combateu e que o partido nacionalista considerou nas suas moções parlamentares como um dos actos mais desprestigosos da República.

No seu discurso, protestou em primeiro lugar o sr. Cunha Leal contra as *violências* do decreto. «O sr. ministro das finanças — dizia ele ao sr. Pestana Júnior, que mal sabia então que estava cortando a posta que havia de ser digerida pelo seu temeroso adversário —, o sr. ministro das finanças — repetia colérico, vozeirando as frases, cerrando os pulsos, como um Catão da Guardunha, e pondo nas suas palavras um grande cunho de sinceridade, como soi dizer-se nos relatos parlamentares —, impondo dois administradores a cada um dos bancos emissores, faz isto por um acto da sua livre vontade, e repito, para provocar barulho, por que sabia que nós havíamos de protestar».

..... «Então —

continuava S. Ex.<sup>a</sup>, cada vez mais torvo e inflamado — esperou o nosso protesto e o nosso ruido, por ventura para especulações politicas e para pôr à prova o seu radicalismo, o qual só representa, neste momento, um assalto ao direito de propriedade. . . Sr. Presidente: creio que o sr. Ministro das Finanças, criando os lugares de vice-governadores como os criou, «não encontrará, para honra dos homens da República, nenhum sufficientemente honesto que possa aceitar tais lugares».

Finalmente como corolário lógico de tão veementes apóstrofes (que S. Ex.<sup>a</sup> emitia com uma sinceridade sempre perturbante e «vassaladora»), o fogoso «leader» nacionalista concluia pela «absoluta certeza de que não ha homem digno de respeito dentro da Republica que queira conquistar lugares entrando por uma porta que não è a principal», servindo-se, para entrar, de um subterfugio da lei, de uma imposição ou de uma violencia. . . «A opposição nacionalista fará disso um ponto de honra para o regime» . . .

Como se explica então que o sr. Cunha Leal aceite agora (e segundo alguns, depois do seu proprio pedido!) um lugar que ainda o ano passado da mesma era de Cristo só poderia ser desempenhado por pessoas com sufficiente honestidade e sem o respeito do si proprias? Como foi que a minoria nacionalista se esqueceu tão depressa do «prestigio da Republica»?

Actual de contas o sr. Cunha Leal é um ingénuo, uma pobre criança iludida, a quem dá vontade de fazer festa. . . depois de tirar os aneis dos dedos.

Disse o sr. Cunha Leal que gostaria de ver a cara dos politicos desonestos ao entrarem na casa dos outros. O sr. Cunha Leal satisfêz de certo o seu desejo. No Banco Nacional Ultramarino há sem duvida espelhos sufficientes para que S. Ex.<sup>a</sup> se pudesse entregar a um tão interessante e gracioso movimento de curiosidade. Catão poudo ver nesse dia ao espelho a cara de Catilina».

Não juntamos nem mais um comentario. .

da minha proposta do ano passado, num circulo vicioso. Nunca sairemos daqui.

Foi por essa razão que o governo de que tive a honra de fazer parte, — parece-me que nesta altura já posso dar esta informação ao País — e os governos que se seguiram aqúele de que fiz parte, — conhecedores como eram de que no meio official portuguez não era facil obter os capitais necessarios para o fomento nacional, para a reparação de estradas, começou a pôr as suas vistas na viabilidade d'uma operação de credito externo. Entabo-

laram-se então negociações e contra a opinião de toda a gente de que somos, pela nossa má administração, um Estado sem credito, eu vi com satisfação, viram com satisfação os Ministros das Finanças que succederam, que nós podíamos contar com a possibilidade de fazer uma operação de credito.

. . . Era este o pensamento do governo de então, isto é, trazer á Camara uma proposta para se fazer um emprestimo, de forma a que se podessem realizar essas obras de fomento, que tão necessarias são.

# POVO!

Não vimos fazer programas ostentosos. A boa fé não carece desta formalidade. Poucas palavras bastam para te dizer quem somos e o que queremos, assim de nos auxiliares se o que pretendemos corresponde ás tuas aspirações, ou de não mais nos procurares se neste logar mesmo não quizeres refutar o que aqui vejas contrario ás tuas opiniões.

Para nós, Povo amigo, o mundo não estaciona, progride; não piora, aperfeiçoa-se.

Esse progresso faz-se em ordem a uma cada vez maior democratização dos meios que as sociedades dispõem para assegurar, a todos e a cada um, a maior soma possível de felicidade. Esse aperfeiçoamento faz-se no sentido de melhores relações entre os homens, de uma mais forte e afectiva solidariedade. A Republica é, para nós, um meio de tornar factível esse progresso material e moral, que não tem limites, que não atingirá jámais o seu fim. Tudo quanto contribua para dar mais bem estar, mais liberdade e maior justiça, tudo quanto coopere para que a solidariedade seja alguma coisa mais do que uma formula apenas, é democracia, é digno de republicanos. Pelo contrario, tudo quanto contribua para o embrutecimento da razão humana e para a escravidão das consciencias, tudo quanto contrarie a marcha ascencional do Homem para a sua perfectibilidade, tudo quanto represente um lubrício á triologia Igualdade Fraternidade e Liberdade, que serve de lema á Republica, é por nós tido como contrario á democracia, é por nós considerado obra da reacção ou de republicanos traidores.

Assim pensando, enfileiramos francamente nas hostes da vanguarda, formamos resolutamente á extrema esquerda da Republica, mas livres, absolutamente livres de quaisquer ligações partidarias ou outras. Esse não enfundamento a qualquer partido, escola social ou grupo de interesses, dá-nos a liberdade de criticar com independencia todos os assuntos da actualidade, de politica, de arte, de litteratura, abordando, sem peias e sem preconceitos de nenhuma especie, os problemas economicos e as questões sociais debatidas no momento.

A *Choldra* — e o seu titulo é um compromisso — é um jornal do povo e uma tribuna onde tudo se pode dizer, onde tudo se pode discutir.

Não vimos servir paixões ou interesses de quem quer que seja. Vimos cumprir o dever que incumbe a todo o homem de pugnar pela justiça, de dizer a verdade, só a verdade, aos seus concidadãos. Vimos como homens que teem um ideal e que ainda não estão de todo contaminados pela depravação da epoca que passa, concitar as energias do povo para a necessaria e urgente campanha de depuração social, para a defeza e aperfeiçoamento das instituições republicanas.

\*

Para opôr um dique a essa imensa vaga de reacção e de corrupção que ameaça a Republica e se prepara para despenhar-se sobre o país, a necessidade de uma imprensa independente torna-se hoje mais insuperavel do que nunca.

Mas tu, Povo, não ignoras certamente quanto é difficil hoje a manutenção de um jornal que quere viver, livre e sem compromissos, para servir a Verdade, vendo limitados os seus recursos em razão dessa independencia. A existencia de um jornal em que possas ter inteira confiança, de um jornal que esteja sempre alerta para a defesa constante e firme de todos os teus direitos, só é hoje possível se tu te decidires a sustentá-lo, a apoiar-lo nos teus possantes braços, a defendê-lo com o teu entusiasmo e a mantê-lo até mesmo com o teu sacrificio. E a esse sacrificio ver-te-ás forçado no dia em que compreenderes que a tua causa será fatalmente vencida se continuares deixando só, em campo, a imprensa venal a orientar a opinião pela mentira e em ordem aos interesses financeiros dos seus proprietarios, sem que lho oponhas a tua imprensa, pobre mas honrada, porta-voz das tuas aspirações, pregoeira das tuas ancias de justiça.

Confiados em que a compreensão desta necessidade já domina o teu cerebro, vimos depôr em tuas mãos este semanario que se esforçará por exprimir o teu protesto, indignado e clamoroso, contra os governos sem escrúpulos que te ludibriam, contra uma imprensa que dia a dia te mente, contra os capitalistas gananciosos que te exploram. Se o nosso programa, aqui sucinta mas claramente tracejado, corresponder ás tuas aspirações, esforça-te por garantir a este modesto semanario a sua vida e assegurar o seu successo, tornando esta publicação, que é uma tentativa, num meio certo de defesa da Republica e factor do seu progresso material e moral. O meio mais simples que se te oferece de auxiliar este jornal é assiná-lo imediatamente e arranjar-lhe outros assinantes. A assinatura, que é para os jornais sem capitalistas o melhor esteio administrativo, reserva para os assinantes de *A Choldra* uma surpresa compensadora no caso de S. Ex.<sup>a</sup> a Censura a suspender ou apreender.

Povo! *A Choldra* é um órgão de opinião. Ele serve as lidimas ideias republicanas. Ele precisa do teu apoio. Não hesites em dá-lo prontamente.